

A COMUNICAÇÃO COMO (IN)FORMADORA SOCIAL

Ações de pesquisa, ensino e extensão voltadas para sociedade

Wellington Felipe Hack¹
Victor da Matta²
Marluza da Rosa³

RESUMO

O presente trabalho resulta das ações do projeto de extensão *Compreender os letramentos locais para (in)formar novos leitores*, desenvolvido em uma escola pública de Frederico Westphalen. O projeto visa a inserção de alunos do Ensino Médio nos chamados letramentos dominantes (com destaque na literatura escolar) através da linguagem com a qual esses jovens têm contato diariamente (os letramentos locais). Mensalmente, são realizados Clubes de leitura, com temas e gêneros textuais diversos, ampliando o conceito de leitura que esses alunos têm. Por meio da linguagem sincrética, em especial, os alunos são motivados a pensar sobre a realidade em que estão inseridos e a produzir trabalhos de acordo com seus questionamentos. Em 2018, o projeto focou suas ações nos letramentos midiáticos, motivando os participantes a repensarem a mídia e a discutirem o que lhes é informado/comunicado. Tanto os trabalhos de extensão como as pesquisas acadêmicas vinculados ao projeto se ancoram nos estudos de letramentos (ROJO, 2009; STREET, 1995; BARTON e HAMILTON, 1998), nas formas alternativas de comunicar (PERUZZO 2009; MAFRA, 2008; FESTA, 1986) e nas reflexões sobre leitura e interpretação (CORACINI, 2015). Assim, o projeto se constitui como espaço para a formação crítica de novos leitores frente à desinformação e amplia a formação de futuros comunicadores.

Palavras-chave: Leitura crítica; Letramentos locais; Comunicação; Extensão; Letramentos midiáticos.

INTRODUÇÃO

Toda manifestação da linguagem, seja formal e padronizada seja informal e expressada com menos rigidez, carrega consigo valores e influência da cultura onde está inserida. Portanto, entender que a língua é mais que apenas um conjunto de palavras e um sistema sintático, é fundamental para compreender as relações entre alfabetização e o fracasso escolar (CHARLOT, 2000). Destacado esse aspecto, é preciso repensar como a linguagem está sendo transmitida e, mais que isso, como

¹ Acadêmico do 6º semestre de Jornalismo - Bacharelado, bolsista FIEX/UFSM no projeto de Extensão *Compreender os letramentos locais para (in)formar novos leitores*, Universidade Federal de Santa Maria, *campus* Frederico Westphalen, hack.felipew@gmail.com

² Acadêmico do 4º semestre de Jornalismo - Bacharelado, bolsista FIEX/UFSM no projeto de Extensão *Compreender os letramentos locais para (in)formar novos leitores*, Universidade Federal de Santa Maria, *campus* Frederico Westphalen, victordamatta@hotmail.com

³ Doutora em Linguística Aplicada, professora do Departamento de Ciências da Comunicação, coordenadora do projeto de extensão *Compreender os letramentos locais para (in)formar novos leitores*, Universidade Federal de Santa Maria, *campus* Frederico Westphalen, marluza.rosa@gmail.com



tem sido recebida pelos estudantes. A linguagem, como forma de manifestação de ideias e crenças, é fundamental para a construção da identidade de sujeitos e, como sugere Bernard Charlot (2000), quando a escola nega essa identidade, ou seja, as formas com que alguns estudantes expressam-se pela língua, os alunos podem opor-se a própria instituição de ensino.

Desse modo, o projeto de extensão *Compreender os letramentos locais para (in)formar novos leitores*⁴ visa a articular a linguagem cotidiana dos jovens com a língua formal, ensinada pela escola, aproximando esses estudantes de práticas formais de leitura e escrita. Desenvolvido em uma escola pública de Frederico Westphalen (RS), o projeto trabalha com os chamados letramentos locais, manifestações da linguagem usualmente não abordadas no ensino tradicional. Em 2018, foram realizados clubes de leitura mensais na escola com temas voltados para mídia, nos quais os alunos foram motivados a expressar suas ideias por meio da produção de textos escritos e orais, destacando seus pontos de vista e suas crenças pessoais. Assim, os encontros se constituem como espaços para a ampliar o universo cultural desses estudantes, além de valorizar a linguagem cotidiana dos alunos para desse modo os aproximar das práticas escolares de leitura e escrita.

Partindo dessas considerações, este relato de experiência objetiva apresentar as ações desenvolvidas pelo projeto Letramentos. Em um primeiro momento, apresentamos nossas bases teóricas, perpassando os estudos da Linguagem e da Comunicação, demonstrando um pouco do contexto social atual. Em seguida, descrevemos as atividades desenvolvidas em 2018, na escola e no campus da UFSM Frederico Westphalen. Por fim, discutimos como a articulação de saberes contribui para a formação de profissionais da comunicação comprometidos com a realidade local.

LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

O projeto de extensão *Compreender os letramentos locais para (in)formar novos leitores* propõe, no âmbito universitário, a formação acadêmica de futuros

⁴ O projeto conta com recursos do Fundo de Incentivo à Extensão (FIEEX), da Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente participam dois bolsistas, oito voluntários e a coordenadora, todos do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM *campus* Frederico Westphalen.

comunicadores a partir da articulação da extensão, do ensino e da pesquisa, ampliando a compreensão sobre a sociedade com a qual terão o compromisso da informação. Desse modo, os trabalhos do projeto se ancoram nos estudos da Linguagem e da Informação e Comunicação, articulando saberes e promovendo o intercâmbio entre diferentes áreas.

Entre as principais fundamentações teóricas, destacamos os estudos de letramentos, com ênfase nas pesquisas desenvolvidas a partir dos anos de 1980. Essa linha teórica tem como base a compreensão da linguagem e suas implicações sociais, ou seja, que não pode ser transmitida ou estudada sem a observância do local onde encontra-se inserida e dos fatores culturais que a influenciam. Como destaca a pesquisadora Márcia Regina Terra (2013), a definição do que se entende por letramentos não é algo consensual e apresenta variações de acordo com a abordagem de seus estudiosos. Entretanto, a autora coloca que, de maneira geral, os estudos de letramentos se ocupam em investigar as implicações do uso da leitura e da escrita na sociedade, ora com uma visão mais global, observando as comunidades linguísticas, ora com uma visão mais centrada no indivíduo, colocando em debate questões de ordens diversas.

Para as ações do projeto, filiamo-nos à perspectiva de Barton e Hamilton (1998) que colocam os eventos de letramentos como qualquer ação da linguagem que seja mediada por textos escritos. Para os estudiosos, é importante observar o contexto em que essas práticas estão inseridas, uma vez que nem sempre é possível um uso universal e padronizado da linguagem. Outro teórico nessa mesma linha é Street (2014), que destaca duas variações dos letramentos. Para o autor, podemos classificar os eventos de letramentos em dois enfoques, considerando as maneiras com que a língua é transmitida. O primeiro enfoque consiste em uma visão da língua pouco vinculada ao contexto social e cultural, são os chamados letramentos autônomos. Nessa perspectiva, as competências adquiridas através da leitura e escrita são vistas como neutras, ou seja, há um modelo correto, aplicável a qualquer situação, ao qual as manifestações da linguagem devem ser submetidas. O segundo enfoque prioriza as tensões entre cultura e língua, observando o contexto e aproximando o sujeito da linguagem. Nessa abordagem, a linguagem é vista como um meio de expressão dos modos de viver e pensar.

Ainda nos estudos de letramentos, trazemos a noção de letramentos locais, a qual dá nome ao projeto. Como destaca Rojo (2009), os letramentos locais são os usos cotidianos da linguagem e que não seguem uma padronização tão rígida. Usualmente, essas práticas de linguagem são pouco abordadas no ensino escolar tradicional, que prioriza o ensino dos chamados letramentos dominantes. Nessa segunda linha, encontram-se as formas mais padronizadas da língua, tal como a literatura, quando o ensino é dependente de agentes culturalmente valorizados.

Essa tensão abordada pelos estudos de letramentos com relação ao uso da linguagem e suas implicações na alfabetização é fundamental para que seja possível tecer algumas considerações acerca do ensino na língua, tanto no que se refere ao âmbito escolar como fora dos ambientes de ensino formal. É importante ressaltar que, atualmente, a mídia é um importante meio de transmissão de conhecimento, mas pouco se reflete sobre esse papel durante a formação de profissionais da Comunicação. Como destaca Araújo (2009), a influência midiática, em especial no que concerne à linguagem publicitária, altera diretamente a sociedade letrada, uma vez que os textos midiáticos têm a capacidade de persuasão e apelação, fixando-se em nossa memória afetiva e modificando alguns de nossos hábitos de leitura e escrita. Sendo assim, a escola, ao utilizar a mídia como instrumento para a educação, tem como papel “auxiliar na construção de um sujeito crítico, atuante e consciente no seu papel na sociedade” (ARAÚJO, 2009, p. 158).

É neste ponto que o projeto desenvolve seus trabalhos: no uso das mídias como forma de educação, promovendo uma visão crítica frente aos meios de comunicação e as informações divulgadas na sociedade.

Renan Mafra (2008), estudioso da mídia, ao abordar o papel de comunicadores com relação à informação da sociedade, coloca que é preciso compreender os sujeitos não como assistentes, mas como uma audiência que se interessa por uma causa e que pode participar ativamente do debate público. Desse modo, cabe aos comunicadores um duplo papel: o primeiro consiste na função de informar, fornecer dados e questões para um público e o capacitar para argumentar sobre suas crenças; o segundo diz respeito à função de comunicar, que segundo Marcondes Filho (2014), é o ato de promover a participação e a discussão pública sobre diferentes assuntos, assim promovendo a mobilização social.

Diante dessas considerações e do trabalho com a mídia no espaço escolar, o projeto aborda a Imprensa Alternativa⁵ como possibilidade de emancipação através da informação/comunicação. De acordo com Festa (1986), a imprensa alternativa tem como principal característica a mobilização social e democratização da informação, colocando os grupos sociais como geradores de informação. Peruzzo (2009), ao trabalhar com a comunicação comunitária, traz uma visão midiática freiriana, destacando uma comunicação horizontal e realizada com uma linguagem acessível a todos os públicos. Outro ponto importante quando tratamos de imprensa alternativa, diz respeito à visão dos meios de comunicação como instrumentos de educação popular e de emancipação dos sujeitos.

Antes de apresentarmos as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão, destacamos brevemente alguns aspectos da sociedade atual, denominada tempo espetacular por Debord (1997) e modernidade líquida por Bauman (1998; 2001), na qual os autores destacam o poder de persuasão do espetáculo (e aqui enfatizamos os espetáculos midiáticos) como forma de controle social. A mídia, ao encontro dessa teoria, busca aumentar seu público e, por consequência, o lucro, através da linguagem sensacionalista na construção de seu conteúdo, utilizando um grande volume de imagens e notícias com forte apelo emocional, o que contribui para a divulgação de notícias fraudulentas. Sendo assim, é fundamental pensar na formação crítica dos jovens leitores, levando-os a questionar o que é apresentado, tarefa essa de responsabilidade das instituições de ensino e da própria mídia, visando a combater a desinformação. Ainda no contexto espetacular, destacamos a chamada pós-verdade como influência no momento de as pessoas se informarem. Tal como descrita por Coelho dos Santos (2016), a pós-verdade reflete diretamente aquilo que eu quero aceitar como verdade, sendo que um fato é menos relevante que a opinião pessoal.

⁵ O termo Imprensa Alternativa tem seu surgimento, no Brasil, nos anos 1970. O nome era utilizado para referir-se aos jornais e revistas que divulgavam conteúdos em oposição ao Regime Militar. Atualmente, o termo é utilizado para designar meios de comunicação que não estão alinhados aos grandes conglomerados de mídias e/ou apresentam conteúdos que não são abordados pelos veículos tradicionais de informação/comunicação.



Após essas considerações, na próxima seção do trabalho apresentaremos as atividades do projeto de extensão e como elas dialogam com a formação de futuros comunicadores.

FORMAÇÃO CRÍTICA DE JOVENS LEITORES

Como citado na introdução deste trabalho, as ações desenvolvidas pelo projeto no ano de 2018 foram voltadas para temas que se relacionavam com as mídias ou, como destaca França (2015), os chamados letramentos midiáticos. Essa forma de letramento consiste em promover um uso consciente e crítico dos meios de comunicação, gerando o debate e a mobilização social sobre diferentes temas.

Desse modo, no primeiro encontro realizado pelo projeto neste ano, foi apresentado como a comunicação pode apropriar-se de meios não tradicionais para transmitir informações, como cartazes, poemas e grafites. Essas formas são as chamadas mídias radicais (DOWNING, 2002) e não estão interessadas apenas na audiência, mas propõem ao seu público o debate, a crítica e a ação. A fim de aproximar os gêneros textuais utilizados por essas mídias, apresentamos aos jovens exemplos como o ativismo do Greenpeace e vídeos do Slam Resistência, poesias de resistência e reexistência. A proposta de trabalho foi a criação de uma mídia radical, a partir dos meios apresentados, com tema livre. Dividida a turma em quatro grupos, os resultados obtidos foram três cartazes e uma poesia, com temas entre discriminação racial, cyberbullying, homofobia, Copa do Mundo e descaso público (anexo 1).

No segundo encontro, apresentamos o conceito de comunicação popular (PERUZZO, 2009), a qual é desenvolvida no contexto das comunidades e dos movimentos sociais. Esta visa todo um processo de conscientização e de mobilização, apropriando-se dos meios convencionais de comunicação. Para os exemplos, apresentamos a ONG Repórteres Sem Fronteira (RSF) e, procurando aproximar dos jovens das organizações populares regionais, a Central Única das Favelas - Frederico Westphalen (CUFA-FW). Novamente dividida em quatro grupos, a atividade envolveu uma leitura prévia sobre os temas: efeitos da cultura do ódio na internet; Fake News; combate à homofobia; escravidão contemporânea. Como

resultado, os grupos desenvolveram - respectivamente - um folhetim, um jornal (anexo 2) e um boletim de notícias.

No terceiro e último encontro do primeiro semestre de 2018, realizamos uma sondagem sobre percepção de *Fake News*, apresentando manchetes que os jovens deveriam classificar como: procedente ou *Fake News* e tratamos da Comunicação Comunitária (PERUZZO, 2009) feita do povo para o povo, sem fins lucrativos, visando a comunicar e educar a partir de pautas locais e socialmente relevantes. Buscando aproximar os meios de comunicação ao cotidiano dos jovens, trouxemos o exemplo da Rádio Comunitária local. A proposta de atividade buscou levá-los à produção crítica de uma radionovela, simulando uma rádio da região, sobre o tema “Ligue 188” de prevenção ao suicídio do Centro de Valorização da Vida (CVV), o que resultou em duas peças radiofônicas⁶.

No primeiro clube do segundo semestre, formamos uma roda de conversa para debater e ouvir sobre o que compreendem como *Fake News* e Pós-verdade. Após uma roda de conversa estimulando o debate crítico sobre os assuntos, voltamos ao questionário de percepção de *Fake News* e, presencialmente, refizemos as enquetes com os jovens sobre as manchetes destacadas, levando-os a classificá-las como: a) procedente; b) sensacionalista; c) manipulada. Em seguida, apresentamos os resultados obtidos da sondagem, que apontou que o índice de percepção de -9.42, índice considerado baixo a partir do estudo.

No encontro seguinte, procuramos aproximar os jovens da rotina produtiva do jornalismo, com o propósito de apresentar fatores como a velocidade das notícias, a apuração dos fatos e a ética jornalística. Preparamos uma dinâmica que envolvesse todos esses elementos e colocassem os jovens “em campo”. Desenvolvemos uma história em que os personagens (voluntários e bolsistas) exerciam papéis de fontes que o jornalista pode encontrar em uma situação diária. A turma foi dividida em três jornais e, depois da apuração, cada grupo construiu uma notícia a partir dos dados e do lead, compartilhando-as com os alunos.

⁶ Os produtos podem ser acessados pelo link: <https://soundcloud.com/wellington-felipe-hack/prevencao-ao-suicidio-letramentos-ufsm-fw>
<https://soundcloud.com/wellington-felipe-hack/prevencao-ao-suicidio-letramentos-ufsm-fw-1>

No terceiro clube do segundo semestre, retomamos com os jovens alguns conceitos trabalhados durante os dois anos, como os letramentos locais e letramentos midiáticos. Apresentamos, neste mesmo encontro, a concepção de letramentos de reexistência, que caracteriza o movimento hip hop como uma agência de letramento (SOUZA, 2009), por redimensionar suas identidades, ressignificar papéis e lugares sociais, através da linguagem utilizada nos meios. Separamos a poesia marginal *Vida Loka*, do escritor periférico Sérgio Vaz, em trechos e distribuimos para as duplas, com o propósito de criarem um Slam (poesia popular nas ruas das grandes cidades, com o intuito de dividir conhecimentos e de debater as condições sociais) a partir do trecho que cada dupla pegou. Em seguida, foram motivados a compartilhar com toda a turma os versos que criaram, com temas sociais e críticos.

O projeto de extensão, além de trabalhar com uma escola estadual, também ocupou locais de interação da cidade e do campus da UFSM-FW. Com mais duas propostas, o *Take a Book* - focado na comunidade externa - realizado em uma cafeteria da cidade, teve como foco compartilhar leituras trazendo temas como: literatura nacional e literatura de terror/fantástica. A outra proposta foi a *Leitura no Campus*, um sobre contos e um sobre livros. No segundo semestre, mantivemos o foco no livro-reportagem *O Nascimento de Joicy*, com a finalidade de socializar pautas relevantes, levantadas no livro pela autora Fabiana Moraes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreender os hábitos de leitura e escrita, e incluir novas formas de texto em um ambiente escolar, podemos perceber uma maior inserção dos alunos em assuntos ligados à leitura. Notamos que, ao longo dos Clubes, estes se aproximaram mais das diversas formas de exercício da linguagem, especialmente em textos multissemióticos, quando relacionados com a oralidade e com a poesia por meio da música. Destacamos, portanto, a importância de se trabalhar com textos que, embora não usuais no ensino escolar, possibilitam compreender as práticas sociais de letramento que exercemos em diversos contextos e situações. No que concerne à formação dos leitores, essa compreensão é fundamental, não só por se

aproximar da realidade do público, mas, principalmente, por servir de motivação para uma participação mais ampla e para o melhor desenvolvimento da criatividade.

Por fim, destacamos a importância de repensar a posição social dos comunicadores. Ao articular a prática jornalística com a educação, o projeto promove a formação de futuros profissionais com uma visão voltada para uma Comunicação comprometida com o local onde está inserida, repensando seu papel como mediadora da realidade. Além disso, ao trabalhar com alunos do ensino médio, os acadêmicos têm a possibilidade de transmitir os conhecimentos adquiridos na Universidade para a comunidade, promovendo a popularização do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. V. C. **Mídia e letramento escolar**. Revista de Educação, v. 12, n. 14, 2009. p. 155 - 164.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **La literacidad entendida como prática social**. In: ZAVALA, V; NIÑO-MURCIA, M; AMES, P. Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004. p. 109-139. Disponível em: <https://lecturayescrituraunrn.files.wordpress.com/2015/02/barton-y-hamilton-la-literacidad-entendida-como-prc3a1ctica-social.pdf>. Acesso em 14 nov. 2018.

BAUMAN, Z. **Sobre a verdade, a ficção e a incerteza**. In: _____. O mal-estar da pós-modernidade. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 142 - 159.

BAUMAN, Z. **Individualidade**. In: _____. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 64 - 105.

CHARLOT, B. **Práticas languageiras e fracasso escolar**. Revista Estilos da Clínica, v. 5, n. 7, 2000. p. 124 - 133.

COELHO DOS SANTOS, T. **Desmentindo ou inexistência do Outro**: a era da pós-verdade. Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, mai. a out. 2016. p. 4 - 19.

CORACINI, M. J. **Leitura ou interpretação**: pulsão escópica e gesto de violência. In: Giovanna Gertrudes Benedetto Flores; Nadia Neckel; Solange Leda Gallo (org.).

Análise de discurso em rede: cultura e mídia. Organização de. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 109 - 125.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santo Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOWNING, J. D. H. **Mídia Radical**. Tradução de Silvana Vieira. 2. ed. São Paulo: Senac, 2002.

FESTA, R. **Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa**. In:____ Comunicação popular e alternativa no Brasil. Carlos Eduardo Lins da Silva (orgs.). São Paulo: Paulinas, 1986. p. 9 -30.

FRANÇA, P. G. **A aprendizagem transmídia na sala de aula**: potencialidades de letramento midiático. 2015. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MAFRA, R. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação**. In:____ Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 53 -83.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação**. In:____. (Orgs) Dicionário da Comunicação. São Paulo: Editora Paulus, 2014. p. 86 - 89.

PERUZZO, C. M. K. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 17, jun. 2009, p. 131-146.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. Parábola Editorial: São Paulo, 2009.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2009.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TERRA, M. R. **Letramento e Letramentos**: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. DELTA [online], vol. 29, n.1, p. 29 - 58.



ANEXOS

Anexo 01

ESSE ANO O HEXA
MAS A VERDADE NÃO VEM VEM!!
A justiça não VEM
NEM OS HOSPITAIS TAMBÉM
ENTÃO,
PRA QUEM O HEXA VEM?

JORNAL LITERÁRIO

Frederico Westphalen, Segunda Feira, 11 de junho de 2018, Ano II - Ed. Especial

O BRASIL É O PAÍS QUE MAIS MATA LGBTI+, segundo a pesquisa do "Transgender Europe". Entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes. Apesar de todas essas violências, ainda não existe uma lei que criminalize a homofobia. Sendo assim, pessoas homossexuais não possuem um apoio legal para o combate à prática.



No dia 17 de maio comemoramos o Dia Internacional contra a LGBTfobia, data em que a Organização Mundial da Saúde, em 1990, deixou de considerar a homossexualidade como uma doença. Por esse motivo, o dia é celebrado com muito orgulho pela comunidade LGBTI+.

Pessoas homofóbicas podem ser consideradas menos inteligentes, de acordo com a Universidade de Queensland, na Austrália. Os pesquisadores destacam que muitas delas não sabem diferenciar sexualidade de gênero e, em função de sua ignorância, se tornam agressivas e 'discriminadoras', deixando claro seu preconceito.